

FABRÍCIO CARPINEJAR

# Segredos de um Violino



Ilustrações Ana Pez

edelbra

FABRÍCIO CARPINEJAR

*Coleção Pedacos de Vida*

**Segredos  
de um  
Violino**

**edelbra**

*Esta é a biografia do meu olhar paterno. Se  
não é real, foi por um detalhe.*

## Sumário

	Capa
	Rosto
Uma praça, um filho, o susto de crescer	
	O mar pede um tempo
	Ouvindo conchas
	Relaxa, pai!
	Mão grande
	Vírgulas mudam o texto
Apego que vem do berço	
Sozinho em meus problemas	
	Segredos de um violino
	Cadeira de balanço
	Viva-voz
	O alienígena
	O sacrifício filial
	Vicente e mariana
	Coveiro de castelos
	Pequeno goleiro
	Aí tem coisa
	Dar a sombra
	Passa rápido
	Disfarces
Respeito ou indiferença?	
	Pãozinho de queijo
	Autores
	Créditos



## UMA PRAÇA, UM FILHO, O SUSTO DE CRESCER

Quando soube que seria pai, tossia com as pálpebras. Soletrava o sopro. A vida era finalmente maior do que eu.

Bem maior. Não tinha como organizá-la, por onde pensar.

Falava por dentro: serei pai, serei pai, serei pai.

E toda a repetição vinha como uma frase nova, inédita.

“Serei pai” não era igual, trazia algo diferente a cada vez que batia na garganta. O mesmo chamado com uma emoção extravagante. Não me convenciam, eu me ampliava. Aumentava de corpo cada vez que me dizia: “serei pai”.

Qualquer pai entende o embaraço, é quando perdemos o controle e somos completos.

Sentei na praça de mãos dadas com a minha namorada. Ela tampouco falava. Não era o susto do resultado, era o susto de crescer.

Foi um excesso de sentido. Uma vontade de contar para a cidade inteira que me parava nas próprias palavras. Não desci daquele banco, intencionado a não mudar tão cedo de sentimento, longe de substituí-lo por outra notícia.

Um silêncio de cadarço solto, chutando pedras. Olhei como nunca olhei o vendedor de algodão doce. Sua vassoura de cabeleira rosa. Olhei como nunca olhei a carrocinha de pipoca. A brancura amontoada. Olhei como nunca olhei os barulhos das correntes dos balanços. A sequência de um tambor. Olhei como nunca olhei a gangorra bater no chão. Venezianas abrindo. Olhei como nunca olhei a mim mesmo.

Liguei o ventilador de teto das árvores e recebi estrelas antigas. Podia carregar o carteiro no colo e costurar a cesta de meus braços. Podia beijar uma freira na testa e pedir perdão por não rezar na noite passada.

Uma paciência milagrosa, logo para um cara que não conseguia nem abrir o saquinho de pães. Reclamava do nó da padaria. Furava o plástico antes do jantar, cavando o miolo aquecido. Minha mãe repreendia a malandragem. Por mais que me ensinasse a respeitar a ordem, descumpria a cronologia da mesa. Amava provocá-la.

Hoje é uma maravilha desfazer o nó. Soltar as abas com paciência. Prever o giro certo das pontas. Sinto-me maduro.

Mas sempre chego atrasado. Os filhos já desgovernaram as cascas, já bagunçaram a mesa com os farelos. Os pães escapam pelo furo.

Tenho a chance de repetir a raiva materna, desligo a censura e estou rindo adoidado. A paternidade é uma compaixão por aquilo que deixamos de ser. Uma praça entre duas ruas. A infância e a serenidade.

Praça é quando duas ruas se casam.





## O MAR PEDE UM TEMPO

Quando há sol no litoral, a praia nos chama rápido com seu chiado de chaleira, a fome é maior do que o almoço, a sesta nem espera o bocejo, as crianças se divertem naturalmente. As horas correm de modo automático, quase um liga-desliga no próprio mar, sem a necessidade de controle remoto.

A chuva é que traz o nervosismo. Não contamos com um plano B ou uma saída alternativa. Vem a irritação. A geladeira é a única porta com luz.

Apesar do barulho chuvoso das calhas, tentei dormir até tarde para não decidir nada, mas fui obrigado a me acordar para não ter nada para decidir. A sensação é que não poderia desfrutar de vida naquelas 24h. Deveria deixar meu filho Vicente, sete anos, viver em meu lugar.

Fiquei interdito: é agora que meu filho vai se entediar. Não admitia que tivesse monotonia. Praia é sinônimo de verão inesquecível, um dia melhor do que o outro. Ele telefonaria para sua mãe no final da tarde e reclamaria:

– Hoje foi péssimo, não fizemos nada.

Já o pressenti riscando o dia de sua agenda, desenhando uma cruz nas paredes, amaldiçoando minha absoluta ausência de criatividade.

Comecei a me angustiar. Como posso alegrá-lo? Queria ler e larguei os poemas de Antônio Nobre na cabeceira. Queria caminhar e abandonei a excitação dos exercícios. Somente pensava em como satisfazer meu filho. Já era uma profissão, uma questão emergencial.

De cara, armei uma guerra de travesseiros, pena que esqueci que não tinham penas. Não houve aquela imagem linda de plumas esvoaçando, a cena só doeu. Ele choramingou quando dei um safanão com a fronha em suas costas. Não dosei o gesto e quase perdi sua cumplicidade. Depois de

acalmá-lo, partimos para jogar pingue-pongue. A bola quebrou no meio com a violência da raquetada. Não desanimei, estava obcecado em arrancar a felicidade de seus lábios e entrever os dentes do fundo. Partimos para assistir filmes no DVD, com pipoca. Mal terminou e o convidei para um futebol na areia. Emendei a saída para comer crepe. Em seguida, disputar fliperama. Não existia folga, experimentava uma gincana escolar, ávida de algazarra, ininterrupta.

Quando eu ia convidá-lo para brincar de taco, ele me observou com toda ternura:

- Me deixa quieto e sozinho um pouco.
- Por quê? Está triste?
- Não, estou com saudades de mim. Não consigo pensar.

A carência era minha, não dele. Não suportava a minha solidão, eu é que não sei ficar quieto. Não permitia meu filho definir suas vontades, descobrir seus impulsos. Odiava a chuva e julgava que ele tampouco gostava. Já fui me antecipando, raciocinando em seu lugar, impondo uma rotina de aventuras.

A paternidade não era substituí-lo, mas respeitar sua imaginação. O sofrimento aumenta na ânsia de disfarçar a dor.

Atolamos e sobrecarregamos as crianças porque concluímos que o silêncio é tristeza e que elas não têm coisa alguma para brincar.

Estamos errados. Elas se viram. Não há como subestimar a independência delas, a capacidade inigualável de arrumar amigos, fantasiar e idealizar jogos de meros prendedores e caixas de sapatos.

Levamos os filhos no *shopping*, levamos nos brinquedos, levamos nas lojas, levamos nas tabacarias. Sob alegação de preparar uma surpresa, nunca perguntamos se realmente querem sair de casa.

Vicente se distanciou de mim, sentou no chão do quarto para brincar com seus bonecos. Conversava baixinho, zunia espíritos dos sons, articulava sirenes. Pela primeira vez no dia, soltou uma risada. Uma risada límpida, sem a minha ajuda. Aquilo me envergonhou. Talvez desejasse ser o responsável pela sua alegria, mas deveria cuidar primeiro da minha.

- Feliz, filho?
- Sim.

- Desculpa, não percebi o cansaço.
- Sabe por que chove, pai?
- Para diminuir o calor?
- Não, é para o mar pensar. Ele não consegue pensar com tanta gente dentro dele.

## OUVINDO CONCHAS

Uma amiga acabou de ser mãe. Frase engraçada. Mãe é nunca acabar de ser.

Mirian mudou completamente o rosto. Está mansa, ela que é conhecida pelas rondas entre nomes e novidades. Permanece no mesmo assunto sem nenhuma indisposição. Aguarda que eu termine a pontuação para comentar algo. Fico até intrigado, logo ela afeiçoada à sobreposição de temas e gula insaciável por fofocas.

Achou em si uma serenidade que poucos conhecem. A maternidade é a mais rigorosa espera que há na vida. Depois dela, a gente percebe que o amor platônico da adolescência era superficial. A distância entre as gerações era superficial. Qualquer frustração era superficial.

Uma ilha deserta torna-se insignificante diante do oceano ilhado.

Não estou me referindo à gestação, aos nove meses, à laboriosa arquitetura do quarto, das roupas, da véspera.

A paciência começa agora quando Artur nasceu. É o conviver com alguém que não expõe diretamente o que procura e exige nossos rompantes de adivinhação. O bebê se expressa pelo choro. E o choro não é sempre igual. Ele se comove pelo riso, podem ser cócegas. Existem tantas nuances em seus lábios como o leque para o teatro Nô ou as castanholas para a dança flamenca.

Toda mãe gostaria que o filho já falasse. Mas não adianta: ele não fala. Não irá pedir leite, não irá comentar que dormiu mal, não recomendará que se desligue a televisão ou que os pais parem de drama. Não dá para saber se está com dor, se está confortável, se está aquecido, se está com fome, se está incomodado. Deve-se tentar uma coisa e outra, as coisas ao mesmo tempo. Pegá-lo no colo para conferir a reação, deitá-lo no berço para controlar o movimento.

É possível montar um histórico dos sinais. Debruçar-se em seus braços indefesos, prevendo uma sequência, um ritmo, uma melodia. Formular uma continuidade dentro das necessidades. É possível criar horários, colher hábitos e condicionamentos, porém nunca ter certeza absoluta do que ele sente. É dormir com a incompreensão do cuidado: Será que ele vive feliz? Trata-se de uma solidão curiosa, uma espécie de incomunicabilidade comunicativa: oferecer tranquilidade ao não desfrutar da própria tranquilidade.

O desejo é de ouvir um par de vocábulos para se acalmar. Um aviso de que corremos no caminho certo, de que somos vocacionados; um pouco desajeitados, mas vocacionados.

A vontade é que a criança declare publicamente que é amada.

Não acontece, não vai acontecer.

Pela primeira vez, somos absolutamente incompetentes. Tanto faz se a mãe é aeromoça ou diplomata e conversa em cinco idiomas. Temos que recuar aos gestos e inclinar o corpo para atender uma urgência. Recuar para a absoluta falta de palavras.

O bebê está encarando e pedindo uma solução. E agora? Não é adequado chamar a avó, minuto a minuto, para nos acudir. E agora? Experimenta-se um misto de precipitação e generosidade. Talvez a precipitação seja generosa. Talvez seja loucura de nossa parte, ansiedade, inventamos casualidades e o menino apenas se espreguiça na colcha fofa.

É fazer um gesto e ver que não é aquilo, armar um novo gesto e não ser aquilo. A mãe recente é uma mímica acenando com os cílios para aviões.

Mirian irá se acostumar com o silêncio. Cada vez mais. Descobrirá que ouvir não é entender. Entender depende do esforço da imaginação. Seu filho já tem o que precisa: uma boca para ler.

## RELAXA, PAI!

Quando alguém fala de meus filhos recebo como uma crítica. Mesmo que seja uma recomendação ou um conselho ou um elogio.

Entendo que a criação que ofereço está sendo discutida. Levo para o lado pessoal.

Eu embruteço, solto os pés de galinha dos olhos, afundo as rugas das sobrancelhas. Cavo um motivo subterrâneo para aquele papo. Não relaxo. Sinto-me ameaçado. Logo estarei na defensiva, arrumando argumentos para revidar no ato, nem escuto direito.

Ora, que pretensão, falar de meus filhos como se os conhecessem melhor do que eu. Pode ser a mãe de um colega, o pediatra, o porteiro do prédio. Cultivo a paternagem centralizadora. Mais advogado de defesa do que pai. Obrigo as notícias a passarem pelo meu visto, pelo sinal de OK. Não democratizo as tarefas, muito menos a vocação. Deveria deixar a vida também criar minhas crianças. Educação de qualidade é guarda partilhada com o mundo.

Minha namorada já percebeu que as conversas girando em torno de Vicente e Mariana resultam em cara amarrada, com rosnado ao final. Tem medo de puxar o assunto, venho criando resistência onde há mais amor.

Ela ironizou que fico mais ofendido com uma insinuação sobre minha paternidade do que com qualquer brincadeira sobre o desempenho sexual.

Acho que não me perdoei pela separação, que aumentou minha exigência e redobrou a necessidade de controlar o incontrolável. Ou talvez não me permita fracassar onde tanto sofri quando pequeno. Pretendo realizar mais do que o disponível, e me culpo por trabalhar e não estar presente em tempo integral. Pretendo me superar, mas se mover sempre com superação é castigar a honestidade do convívio. A prevenção corre o risco de virar controle totalitário.

Pai bem-resolvido não existe. Não sou bem-resolvido, confesso com todas as têmperas. Sou alarmista.

E já estive do outro lado e não guardei a paciência. Eu decorava as lições para prova na cozinha quando minha mãe lavava a louça. Batia continência, ao lado dela, lendo em volta alta as questões para não me esquecer durante o teste. Ela repetia as perguntas e eu respondia sem consultar o caderno. Grande parte do meu estudo seguiu no formato de aparador. Contento com os acertos, eu pulava e abraçava minha mãe. Naquele momento, a água respingava nas folhas. Pois é, a alegria nunca é impune. Isso gerou a maior investigação escolar. Um legítimo bafafá de corredor. Ao entregar os cadernos para a correção, a professora chamou a direção, que chamou a minha mãe. Foi uma conversa particular no gabinete do Serviço de Orientação.

– Seu filho está chorando. Aconteceu algo de diferente em casa?

– Chorando?

– Seus cadernos estão borrados, o lápis manchado. Acreditamos que ele chora ao fazer os temas. Você obriga o menino a cumprir as tarefas, coloca de castigo?

– Não, de nenhuma forma.

– Ele receberá a vigilância de nossos orientadores até resolvermos o problema.

Hoje, unicamente, esclareço o desconforto, cruzo as fontes e as cenas. Minha mãe ganhou a desconfiança à toa, eu parecia vítima de maus-tratos e era mais cuidado do que pássaro nascendo.

Situação idêntica experimentei com Vicente aos oito anos. Ele chorou na saída do seu turno.

A professora nos confidenciou com um semblante grave, típico da salinha de hospital. Lembrava um diagnóstico, não uma informação provisória. Eu adoeci, articulava de que um colega bateu nele, que suportava constrangimentos intermináveis no recreio. Tentei tirar, a todo custo, a informação preciosa do meu menino. Ele resmungava:

– Não foi nada, pai.

Seguiram dias e dias cerceando a história. A dificuldade de confissão do meu filho aumentava a minha insistência, julgava o assunto sério demais a ponto de se envergonhar e manter o silêncio.

Após briga, ele explodiu e explicou que a professora apresentou sua foto em um filme comemorativo do aniversário do colégio. Tímido como é, acabou seriamente encabulado.

Minha paternidade tem que relaxar. Sofro em vão pelo medo de sofrer. Falta-me a simplicidade de um pano de prato.

## DENTES DE LEITE

Vicente me lê. Ele me desprotege com sua proteção natural. Não me defendo para entendê-lo.

Ao lado dele, nunca me machuco. Não vacilo em pena. Não me vejo sem sentido. Não me faço mal. Seu amor me inspirou a ser generoso comigo. Eu me amo a partir dele. Nunca gostei tanto do que sou depois que passou a me desenhar.

Não me abandona nos hábitos: põe meus óculos de mosca, dorme com minhas camisas largas e brilhantes, diz que sou diferente para ser bonito duas vezes (com susto e sem susto). Ele usa minha estranheza para que eu pareça menos estranho. Quando recebo uma crítica, atropela as vogais para me ajudar a esquecer rápido. E dança com sapatos grandes e perucas imitando músicas da televisão.

Ele é a paternidade que encontrei para morar mais perto da minha infância. Permito-me carências adultas. Uma noite sem ele e um dia sem ele são absurdos de ausência. Sinto saudades de mim com ele. Minha caligrafia é entranhar as mãos em seus cabelos argentinos e massagear sua nuca.

A verdade é que invejo meu amor por ele. Tenho que dissimular um pouco senão posso torturá-lo com tanto amor. Escondo para que ele não se dê conta de tanto que o amo. Temo massacrá-lo de cuidados, afagos, ternuras. Há que respeitar um espaço, um quarto, uma poltrona dentro de casa para me odiar. Mas cometo avareza em minha generosidade e não o largo sozinho para me contrapor. Não desmonto o quebra-cabeça para não extraviar alguma peça.

Se precisar limpar a casa, brincamos de sugar um e o outro com aspirador. Se digo que preciso viajar, ele prepara as malas com suas roupas. Ele ama fácil. Ama sem traumas, sem desculpa, sem provas, sem

convencimento. Ama porque é mais fácil amar do que viver – e eu sempre acreditando no contrário.

Andamos de bicicleta por Porto Alegre. A alegria é descer as maiores lombas como a Lucas de Oliveira e a Bordini. “O medo tem que conversar sem gritar”, ele me explica. Somos os fonoaudiólogos do medo.

Estou em falta com algumas perguntas feitas pelo meu menino no carro: qual o peso de um cavalo? Aproveito para responder com um dia de atraso: 500 quilos. O boi segue a meia tonelada. Sei que provocarei novas curiosidades. Como nossa distância da Groenlândia.

Sua mãe deve enlouquecer, como eu. Mais do que eu, pois o milagre saiu de seu corpo.

Vicente completa sete anos e os dentes de leite estão caindo. “Queria que meu dente curtisse mais minha boca,” confessa.

Eu também quero ficar mais tempo em sua boca. Todo o tempo em sua boca.

Desconheço mesmo o quanto que a memória de meu filho pesa na minha palavra. Vou demorar para não concluir.

## MÃO GRANDE

Não tenho definido quando passei a usar desodorante e quando meus pais viram que suava e fedia. Qual foi a marca? Não tenho certeza de quando usei a primeira vez a gilete no rosto, após surgir o bigode falhado que não era de vitamina. Onze, doze anos? Não conservo a convicção de tempo quando troquei sabonetes e loções infantis pelo xampu e o box virou uma farmácia. Ou quando comprei minhas roupas e não encontrava mais espaço nas prateleiras. Ou quando surgiram os pelos pubianos e me envergonhei de cuidados. Ou quando comecei a trancar a porta do banheiro, do quarto, da frente. Ou quando me interessei por uma menina.

Não anotei metade dos acontecimentos da minha transição, não contei com álbum de fotografias e legendas que servissem de corrimão para a memória. Nunca confiei que teria uma biografia, já era complicado ter uma vida.

Entre na fase adulta com a paternidade. Foi quando deixei de gritar. Italiano, gringo, passional, acostumado a chamar as pessoas da residência pelo berro, não importando a distância, conheci o sussurro. A conversa sussurrada. Algo inédito para meu biótipo agressivo. De modo nenhum, na adolescência, falava baixo para não acordar os irmãos, desejava mesmo era chamar a atenção e levantar a família. Não gostava de tomar café da manhã sozinho.

Ao nascer a Mariana e o Vicente, realmente me aquietei. Eu me despedi do desespero. A sensação é que a altura da voz é agora a do sangue. Não imponho o timbre, não ergo as vogais, descobri o quanto o sono deles é sagrado. Antes derrubava xícaras, batia o armário, pisava fundo. Agora sei furtar minha casa com competência. Roubo pertences de um aposento a outro com enorme talento. Pego as roupas sem estardalhaço, prendendo a respiração. Acredito que flutuo pelo chão, meu par sujo de meias são minhas

asas. Escovo os dentes economizando o chapinhar da torneira, sento-me na sala com a escolta silenciosa da luz. Permaneço horas a fio com o ouvido de pé, como se controlasse todos os ruídos do telhado. O assoalho somente passa a existir depois dos filhos.

Maturidade é assistir com gosto um filme mudo, não pensar mais que o silêncio é um defeito. Se minha mulher desperta, nossa risada é feita de sopros e assobios, não é tão diferente do canto dos sabiás nos fios telefônicos. Somos pássaros ciscando as chamadas e os interurbanos. Não deixamos de fazer nada, mas sempre com imponderável discrição. Mexemos nas panelas e montamos o almoço pousando os pratos na mesa. Não há atrito entre os garfos. Não há um rasgo de metal no dia. As crianças acordam pelo cheiro da comida.

Despertamos os filhos nos fins de semana pelo olfato. É o nosso único barulho.

## VÍRGULAS MUDAM O TEXTO

Vicente precisava do livro *Grande ou pequena?*. Era sexta-feira. Uma semana depois, passei numa livraria e adquiri o volume. Feliz de ter lembrado sozinho. Sem nenhuma ajuda de um bilhete amarelo ou de uma anotação na agenda.

Ao entregar a encomenda para meu filhote, tenho a explicação do rosto murcho:

– É tarde, já realizei a prova.

Eu engasguei como o penúltimo pai do mundo. Penúltimo ainda é pior do que o último. Restou escovar os dentes do meu sorriso amarelo.

Vicente ainda tomou o livrinho e me consolou:

– Vou ler de novo.

Por mais que me esforce como pai, estou sempre devendo. Não é bem assim, eu faço o que tenho que fazer, mas atrasado um ou dois dias. O atraso mostra que valorizo a criação, mas não tanto quanto à mãe.

Ainda mais se parto em viagens para voltar numa semana. Um ou dois dias para um filho é tudo. Perco as vírgulas dos seus recados. Em 24 horas, posso desperdiçar de ajudá-lo numa tristeza e oferecer um conselho importante diante de um desentendimento com os colegas. Resgatar um assunto é difícil, educação é momento. Com descuido, entro no infundável ciclo do “já passou” e cresce um alheamento perigoso.

Queria ser mais atento. Pontuar as frases. São manias de casa que desperdiço. Por exemplo, separei o abrigo do Vicente de manhã. Mas aquela calça apresenta um elástico mais apertado. E o ideal é que ele a use na terça quando frequenta apenas o meio turno na escola. Eu não sabia disso. Para mim, todas as calças têm aspecto e conforto iguais. Repare, é mais uma

vírgula. Com três conjuntos escolares, terei que lavar o casaco no segundo dia para não faltar no decorrer da semana. Mais outra vírgula. De aparência irrelevante, essas informações são fundamentais no entendimento de uma personalidade. A posição das vírgulas muda o texto.

O verão representa minha alforria. Enquanto a maioria descansa, trabalho a família. Eu me alinho, eu me sintonizo às sutilezas domésticas, ajustado à frequência de suas descobertas. Percebo como as crianças estão vestindo, como sonham, como se alimentam, recupero os parágrafos de suas vozes e de seus hábitos invisíveis dentro das gavetas e das estantes.

Ouvir suas lembranças é participar do que não vivi. É ser convidado a viver de novo.

## RUA DOS BEATLES

Depois que se publica um livro, o escritor perde o anonimato. Pensa que será denunciado. Apedrejado ou pela chuva ou por algum leitor intempestivo.

Atravessei a sinaleira da Rua Doutor Timóteo com meu filho Vicente. Ambos calmos, conversando o quanto é complicado escolher a árvore mais bonita na primavera, já que todas parecem que estão saindo do salão de beleza e se arrumando para um casamento. Observávamos os troncos e a floração na tentativa de adivinhar quem era a noiva, o noivo, os padrinhos, as aias. No devaneio poético de encher um altar com personagens silvestres que somente um pai e um filho podem se permitir no meio de um dia útil.

Paramos diante de uma pitangueira.

– Não está certa a expressão “chorar pitangas”. Não vejo a pitangueira chorar.

– É que as pitangas caem como as lágrimas.

– Por que não “rir pitangas”? A risada também deixa cair frutas.

Do outro lado da rua, avançou uma senhora de passo firme e decidido, deslizando no patinete de seu vestido. Ela apontava o dedo com precipitação, como a gritar em silêncio para que esperássemos.

Não a conhecia, mas a esperei.

Ao chegar perto, não cumprimentou:

– Posso fazer uma crítica?

Apertei firme a mãozinha do meu piá. Seja o que Deus quiser. Havia publicado uma crônica no jornal *Zero Hora*, será que ela detestou? Ou leu algum livro e se viu citada e pede um direito de resposta? Na hora em que realizamos ficção, vá lá que a gente acerte em cheio e sem querer a descrição de uma vida. A casualidade é vidente. Tremi a garganta. Será que namorei uma filha dela no ensino médio e ela não quis mais saber de homem? Ai...

– Pode, à vontade.

– Eu vi o senhor atravessando a sinaleira e não tinha como deixar de falar.

A franqueza é sempre inadiável. A franqueza é ansiosa; fui trocando as marchas das ideias. As pessoas nunca conseguem deixar de falar. São imbuídas de uma missão divina. Um espírito baixa e não há como controlar. A franqueza não sofre de prisão de ventre.

– O senhor não reparou que a sinaleira é de dois tempos?

– Sim, quando estava no meio dela.

– Colocou seu filho sob risco de vida... Foi perigoso.

– O quê? Não havia nenhum carro e atravessamos com segurança.

– Teve sorte, não prudência.

Sua crítica era que atravessasse mal a rua, que não aguardei o sinal fechar os dois turnos. Por ela, nunca os Beatles fariam a capa do Abbey Road, mesmo o quarteto pisando na faixa. Tampouco surtiria efeito alegar que sou de uma cidade do interior onde olhar para os dois lados era o único semáforo que funcionava.

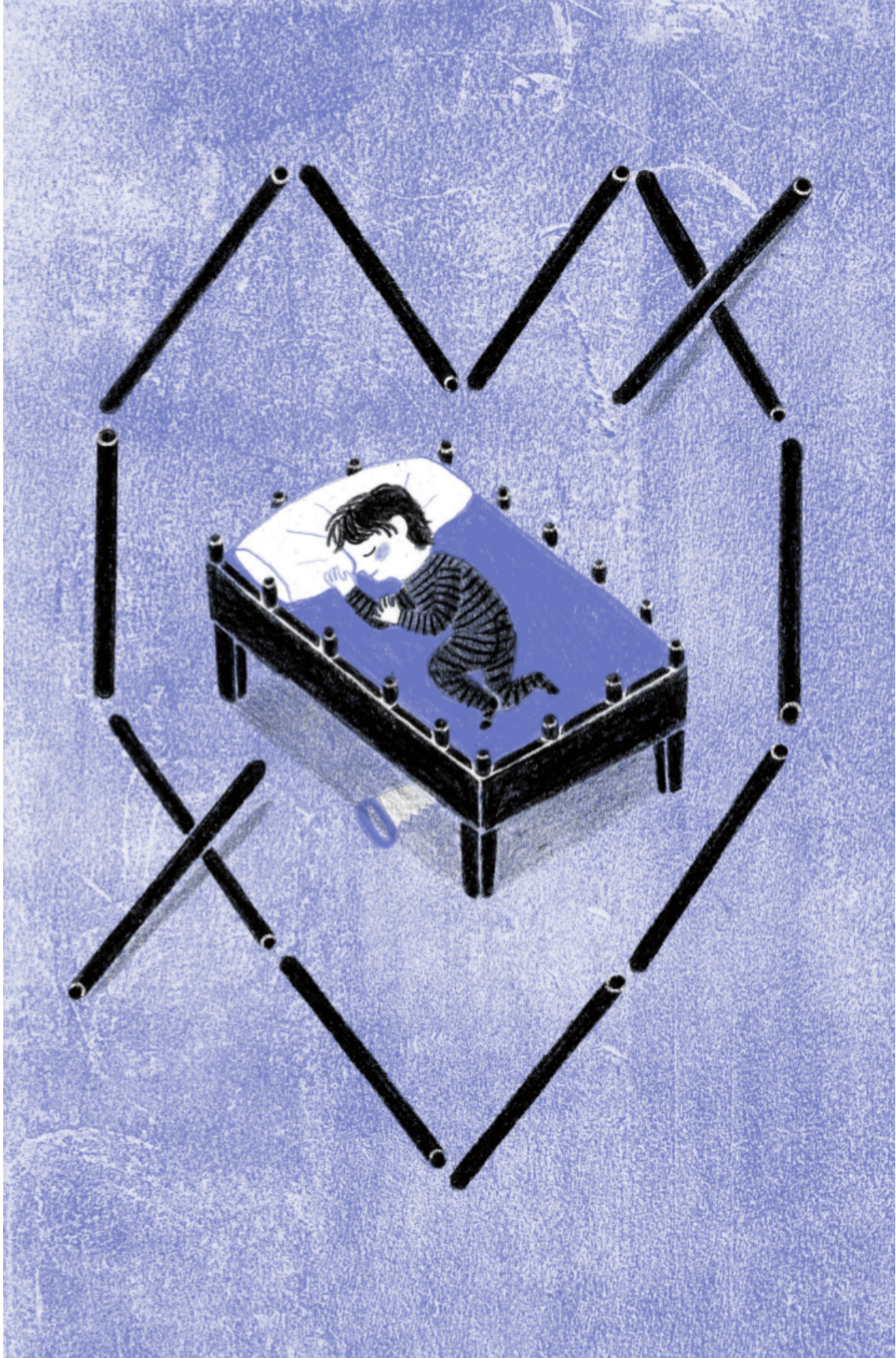
– O senhor é uma figura pública, não deve tomar atitudes impensadas, deve dar o exemplo.

Agradei, desconcertado, desejando que tivesse sido uma ofensa literária, bem mais fácil de responder.

Vicente não se conteve:

– Pai, ela que é perigosa.

E voltamos a rir e falar sobre a emoção das árvores, protegidos pelo anonimato do amor, que a literatura nunca tira.





## APEGO QUE VEM DO BERÇO

Reformamos o quarto do casal, chegava a hora de arrumar o dormitório de meu filho Vicente, seis anos.

O problema é que ele ama sua casa. Até demais. Extremamente apegado aos rituais. Como um bom pisciano. Se a faxineira do prédio troca os capachos da nossa porta com a da vizinha, ele vai lá e ajeita a ordem. Adora o costume de não mudar seus costumes. Almoço tem que ser igual. Não sei como não enjoa de arroz com ovo. Sua chegada da escola segue uma hierarquia imutável: comer frutas, tomar banho, fazer tema, assistir futebol, ler livro, beber seu leite aquecido e adormecer abraçando um travesseiro com as pernas e seu boneco (é um diferente a cada noite) com os braços.

Talvez um detalhe decisivo de sua personalidade seja o de dormir de meia. Ai se ficar sem... Criou a figura saborosíssima de que “meia é o lençol do seu corpo”.

Uma possibilidade de aventura – acampamento, excursão escolar, frequentar a casa de um amigo – e ele já passa a ficar ansioso, prevendo quando voltará para seus turnos normais.

Teimei em avisá-lo da mudança de seu quarto. Para quê?

Começou a pregar cartazes na porta: “Não mexe em time que está ganhando”.

Sentei para conversar e explicar que ele já estava crescendo e que não dava mais para ficar daquele jeito apertado, atulhado de geringonças e com pinta de criança pequena.

Para tudo, tinha uma resposta na ponta da língua.

- Não deseja um quarto melhor?
- Quarto é só para dormir.

- Mas não há lugar para guardar os brinquedos?
- Melhor. Se guardar, não brinco. Se vejo, brinco.
- Mas demora para achar suas coisas?
- Eu acho outras no caminho.

Sabe quando o filho ameaça chorar e não chora. É pior: o quase-choro é mais honesto e comovente.

Vim com um argumento impossível de ser rebatido e contestado.

- Vicente, não pode ficar dormindo no berço. Tem que ser cama boa, espaçosa, certo? Todos os seus colegas já largaram o berço. É como se fosse fralda e bico, precisa se desfazer o quanto antes.

- Por que é berço?
- Conta com aquelas madeirinhas para você não cair.
- Ah, bom...

Deduzi que havia se conformado e restabeleci os contatos animados com o marceneiro e arquiteto.

Na manhã seguinte, vejo uma pilha de madeiras na sala. Em cima da mesa.

Fui ao quarto do Vicente e ele retirou as barras que já estavam frouxas.

- O que é isso?
  - Agora não é mais berço. É cama. Não tem mais osso.
- Vicente fez sua própria reforma. Afinal, o quarto é dele.

# PENSÃO É A PARANOIA MASCULINA

O amor vem com a paranoia.

Não se leva um sem o outro. Pode espernear e afirmar que não, isso não acontece comigo; compreendo a relutância, não admitimos a magia negra dentro da bondade.

Confiar é feito de muita desconfiança. Nervosismo de que a mulher desista de repente, perceba um engano, entre numa seita, corte os cabelos e os laços. Se não telefona no intervalo de doze horas, já antecipamos catástrofes.

Talvez eu seja paranoico porque me falta solidão. Talvez o amor suavize minha doença.

Mas não desejo me curar, não hoje, desejo conversar sobre a maior paranoia masculina: a pensão. Uma paranoia sem amor.

Em audiências, casais que dividiram décadas sentam em corredores separados. Quase em andares distintos com a comitiva de advogado e familiares. E ainda carregam os filhos no colo para emocionar o juiz.

Cobram a reposição dos próximos anos em vez de reconhecer o tempo de intimidade. Cobram a devolução dos anos anteriores em vez de saudar a amizade da criação em conjunto.

O homem não consegue rir com os bolsos. Entende unicamente o usufruto – não entende os frutos. É capaz de pedir demissão para não cumprir o acordo, viajar para uma região inóspita e desaparecer para o carteiro, uivar barbaridades esquecendo que está se referindo ao seu filho. Tudo para não ser descontado em folha.

O homem só se sente traído quando tocam em seus bens. Tem a noção de que corno mesmo é o que paga pensão.

Antes alegava: o filho não é meu. Agora alega: o dinheiro não é meu. Alguns nem visitam seus filhos porque foram obrigados a assumir a partilha. Como se os filhos merecessem um castigo. Ou não oferecem sequer um presente ou uma roupa para não extrapolar o que está incluído na lei.

Filho não é um trabalho que se troca. Uma casa que se parte. Uma fase.

Ao mencionar que pago duas pensões, os amigos não perdoam. Uma compaixão de açougue na segunda-feira.

– Trabalha para nada...

– Coitado...

Quase me chamam de idiota.

– Cinquenta por cento do seu salário? Nossa, como é bonzinho! Quero ser sua ex-mulher.

Avaliando bem, eles me chamam de idiota. Um idiota assumido talvez seja menos idiota.

Sou jovem o suficiente para triplicar a marca. Mas não pretendo bater o recorde de Vinicius de Moraes, que alcançou nove casamentos e cinco herdeiros.

Nem vou lamentar a ausência de grana. Grana desaparece assim como chega. Filho fica. Ficamos no filho.

Durmo tarde e não vou conferir extrato com o zelo de um boletim escolar.

Nunca recebo pouco, posso trabalhar mais. Formigo as mãos no final do mês. Não há inspiração mais estimulante do que a pensão. Não há musa mais excitante do que a pensão.

Falir e feliz ocupam o mesmo espaço na folha. É escolher. Os filhos são meus deveres autorais.

## SOZINHO EM MEUS PROBLEMAS

Pai monárquico costuma ter filho revolucionário. Pai democrático costuma ter filho tirano.

Busquei criar uma frase que rendesse graça, consegui ser preconceituoso.

O preconceito é o fracasso do humor.

O banheiro do avião me convenceu de algumas bobagens paternas.

A mania de controlar o filho. Controlar é dominar. Dominar é ter poder. Ao pai, resta influenciar. Outras formas de autoridade envolvem submissão.

Dar exemplo é para quem não deu amor.

Meu filho já se mostrava irritado. Tinha antecedente. Entrei na fila preferencial de embarque e utilizei sua infância como desculpa. Afinal, é uma criança.

Ele esclareceu:

– Não sou de colo, pai.

Olhei bem para ele, errei as contas, tinha a impressão que poderia carregá-lo.

No avião, meu menino sentou na janela. Trajeto São Paulo-Porto Alegre, eu engolia pedras de gelo para me livrar logo do copo de plástico; pensava nisso, na demora do serviço de recolhimento do lanche, pensamentos bobos, de repente Vicente diz que vai ao banheiro. Eu sigo em seu encalço. Não confio que ele é capaz de ir ao banheiro sozinho. Esqueço que está na 2ª série. Parto atrás, ele fecha a porta na minha cara. Aflito, retorno às incertezas. Observo o visor: ele botou a tranca do sanitário. Trancou-se, e agora? Um homenzinho em cor vermelha. Vermelha de perigo. Se ele não souber abrir, se não achar o papel, se não assimilar o mecanismo de

esguicho da água, se não localizar a descarga, se ele cair com o balanço da nave e bater a cabeça...

Nenhuma das hipóteses me assustava tanto quanto o provável fato dele acertar todos os movimentos.

Cuidei minuto a minuto de sua ausência. Uma licença infinita. Ainda chovia, uma revoada de relâmpagos e turbulências agressivas. Meu nariz era a própria asa inclinada. Velava seu banco com um livro. O carrinho de comida passou na hora em que entrou. Elaborei simpatias obsessivas. Aguento a dupla de aeromoças desocupar o corredor e corro para verificar se ele depende de algo.

Ele estava demorando. Não fui cauteloso. Não fui previdente. Deveria acatar os pressentimentos ruins e tomar uma atitude. As pálpebras estalavam como chicotes. A culpa e o castigo contaminam a paternidade. Xingamos as criança porque sofremos em demasia na nossa imaginação. Brigamos muitas vezes sem que ela decifre o que fez de errado. Ela não fez nada de errado, nós é que cogitamos tudo de errado que poderia acontecer com ela. E explodimos. Descarregamos um revólver vazio.

Entenda, não estava preocupado com ele, mas comigo, ele não dependia mais de mim.

Quando o carrinho libertou meu assento, levantei. Ao dar o primeiro passo, ele abriu a porta e veio me abraçar. Simulei que me levantei para que gentilmente voltasse ao seu lugar.

## SEGREDOS DE UM VIOLINO

Estava na casa materna. Quietamente, lendo um romance, enrolado num cobertor xadrez, que serviu de tapete pelas madrugadas adolescentes.

Meu filho se aproximou fazendo música. Numa outra frequência. Carnavalesca. Animada. Batia o pé num ritmo que somente ele captava. Parecia que segurava um cavaquinho. Pelo modo inclinado do instrumento ao peito. Como que embalando um bebê de cordas.

Achei mimoso, mas não dei a mínima. Recuei uma página para recuperar o fio da meada.

Vicente desapareceu.

Voltou em dez minutos. Com uma arruaça maior. Deveria entender. Nenhum filho entra na sala como quem não quer nada, entra já querendo tudo. Larguei o livro como um prato usado. Olhei firme para meu menino e sua disposição de mudar o planeta com uma nova brincadeira.

Foi quando reparei no instrumento. Era um violino. Onde ele arrumou esse troço?

Na verdade, complicamos o contentamento do filho. Interrogamos demais. A pergunta vai criando suspeitas. Pai é escrivão recalcado. Por que não simplesmente admiramos e ouvimos?

Sei lá, não pensei isso na hora, e avancei:

– O que é isso?

É óbvio que não o permiti responder. Peguei o violino de sua mão. Era antigo. Muito antigo. Aproximei o bojo do abajur e descobri uma etiqueta puída, quase apagada: “1879”.

– O quê?

Vicente fispou a subida de minha sobrancelha, da curiosidade ao pânico.

– A vó me deixou...

Sim, meu avô era violinista na Itália. Jamais soube que havia esse violino na família. Minha mãe mostrou ao seu neto algo que nunca mostrou ao seu filho. Foi uma traição. Semelhante a desvendar a própria adoção na maturidade. Um segredo que se manteve sem pistas e pegadas de coelho no andar superior do armário.

Logo cismei que ele carregava o violino com displicência, estragando seu manuseio. Batucava na madeira.

– Vicente, isso vale mais do que 20 mil dólares, pode parar.

Ele se entristeceu. Sempre o adulto com essa mania de gerar importância estipulando preço.

Continuou a tocar, para me provocar ou para provar que estava certo ou as duas alternativas.

Tentei conversar com minha mãe e cobrar satisfação.

– De onde tirou o violino? Por que não me contou antes? Compreende o quanto custa, são mais de 100 anos? Isso não é coisa para uma criança brincar.

Ela ria da minha seriedade. Da minha obrigação de ser correto e justo a qualquer momento. De ser duro e exemplar em qualquer instante.

– Desde quando não podemos brincar com uma lembrança?, ela questionou.

Vicente concordou com a cabeça. Só deu tempo de ver minha mãe alcançar o arco para ele.

– Ah... faltou isso.

Reparei que o amor de avó é desobrigado. Não tem castigo. Não tem horário. Feito de conselhos e juras. Não sofre da lógica da cobrança, da recompensa, da censura e da fiscalização. Alegria à toa. Tem uma generosidade inalcançável para quem ainda é pai.





## CADEIRA DE BALANÇO

Certos amigos e amigas já usaram esse recurso cênico para explicar uma carência ou pontuar uma tristeza ancestral:

– É que não fui amamentado quando nasci.

Não suporto manha de mercado, muito menos crise infantil na meia-idade. Minha vontade é buscar um litro de leite e derramar num prato de sopa.

– Toma, toma até o fim!

Criança gosta de drama, adulto gosta de transformar o drama em trauma. É sempre uma desculpa lá atrás para fundamentar uma preguiça e esclarecer um vício.

As sutilezas, os detalhes, a normalidade, a rotina são esquecidos. Buscamos somente o estilete no estojo de madeira de nossa infância. Aquilo que corta. Deixamos os lápis coloridos sem nenhum uso. E olha que estavam apontados na última vez que os vi, em novembro de 1984. Psicologizamos em demasiado a memória, a ponto de somente lembrar o que tem impacto. Nossas dores nos tornam reacionários. O verdadeiro revolucionário é o que ultrapassa sua dor e mexe na alegria.

Tanto que não entendo como os terapeutas continuam usando o mesmo mobiliário de Freud: o divã, o abajur, a escrivaninha, a estante com livros. Igualzinho ao escritório do médico austríaco do princípio do século passado. Não há um decorador na psicologia?

Velho por velho, por que não colocar uma cadeira de balanço?

Não troco a cadeira de balanço pelo divã. Com o ritmo e o balanço, falarei bem mais do que deitado.

Cadeira de balanço é feita para amamentação. Minha mãe me acolheu em seu trançado de vime. Guardo até hoje em minha casa. Serviu aos meus filhos, servirá aos meus netos. Adequada para cólicas e para os choros.

Deveria ser enquadrada como um brinquedo, constar na praça ao lado do gira-gira e do escorregador. Tem um andamento precioso de charrete. Criança não dorme mais fácil no carro? Cadeira de balanço é movimento enternecido, um pedalinho dos ventos.

Mas voltando ao início: o que me irrita na lamúria de quem não foi amamentado é que ninguém evoca a mãe.

A mãe é apagada dos problemas. Desculpa, a mãe torna-se o problema. É ela que não amamentou. Parece que fez de propósito, careceu de vontade, de ânimo, de persistência.

Nas campanhas de saúde e prevenção, escuta-se a obrigatoriedade de dar o leite para seu filho.

É claro que toda mãe quer. Algumas não podem.

E quem pensa nelas? São menos mães?

A maternidade sofre nos meses iniciais em seguida ao parto. Recebe nas costas uma pressão social maior do que o casamento e o baile de debutantes juntos. Depois de superar a apreensão se a criança nascerá bem, arca com a ansiedade do primeiro aleitamento. Subirá leite? Terá condições de alimentar o bebê? Ela é normal?

Ao fracassar, é como se a criança a recusasse. Uma frustração seca. Sem raízes.

Na falta de leite materno, ofereça o colo para sua mãe. É ela que precisa.

## VIVA-VOZ

Minha filha vive reclamando que sua mãe atrapalha seu namoro.

Não tolera os sucessivos vexames. Vem pedir conselhos ao seu pai. Ou melhor, apoio. Na verdade, ninguém quer conselho.

Ela jantava na casa dele quando toca a trilha do celular *Fuck You*, de Lily Allen. No outro lado da linha, sua mãe não diz oi ou faz qualquer teste no microfone; pergunta furiosa onde é que ela estava e por que não havia voltado ainda. A voz é de megafone (dentro da garganta materna, resiste o grito ancestral para avisar do almoço). O namorado ouviu inclusive o tututu da ligação. Envergonhada, ela regressou ao lar e a briga continuou. As explicações para a troca de ofensas são as mesmas da pré-história da psicanálise: a menina anda distraída, não colabora com as tarefas do apartamento e não ama a família.

Sempre que a mãe desliga o telefone na cara da filha, a filha vai se vingar e bater a porta na cara da mãe.

Infelizmente, não concordei com minha adolescente. Poderia ser uma chance de ganhar terreno como pai separado, angariar simpatia e abrir uma campanha para que ela morasse comigo. Contexto fértil para realizar meu sonho paterno e trocar o porta-retratos da escrivania pelo rosto inteiro dela em meu ombro.

Mas não consegui. Sua mãe tinha razão.

- Ela está ferrando meu namoro, pai?
- Não, ela vem ajudando.
- Fica lembrando de que mamei até os dois anos, que larguei tarde o bico, do meu medo de escuro, da minha bagunça...
- Que bom, que bom.
- Chegou a mostrar para o Rafael minha foto de bebê, nua, tomando banho de mangueira...

- Que bom, que bom.
- Bom? Tá de gozação, né? Ficou do lado dela?
- É ótimo, não existe namoro sem oposição. Ela entusiasma o relacionamento, precisa da cumplicidade dele para enfrentá-la.
- O quê?
- Sim, vocês têm um inimigo em comum: os pais. O amor cresce com a resistência.
- Tá maluco?

Minha filha não entendia. O que seria de Romeu e Julieta sem o ódio familiar? Imagine a família Capuleto convidando Romeu para um churrasco no domingo? Acabava a atração de Julieta na hora de servir o salsichão e o coraçãozinho. Ele se tornaria um irmão, manso e amistoso como uma salada de batata. Contrariar é aumentar a expectativa e fortalecer os segredos do casal. Sem atrito, não haveria serenata, encontros fortuitos e a insônia pela chegada de um mensageiro na peça de Shakespeare. Não restariam dificuldades, nenhuma prova de amor, a trepadeira permaneceria intacta no jardim. Tudo acabaria com comentários futebolísticos entre o sogro e o genro na frente da televisão.

- Sabe como a gente poderia realmente terminar seu namoro?
- Tenho medo de saber...
- Eu chamaria Rafael para uma conversa e diria: “Estou muito feliz que está cuidando de minha filha, conte com minha confiança, sinto que é a pessoa ideal, há muito tempo eu aguardava um cara sério e comprometido, já passei a economizar para fazer uma grande festa de casamento e providenciei um enxoval com as iniciais de vocês”.

Quando visita o namorado e recebe um telefonema de sua mãe, minha filha agora atende o celular no viva-voz.

## O ALIENÍGENA

Cinema é conversar depois dele. Com meu filho Vicente, sete anos, recapitulamos as cenas mais engraçadas, os achados do roteiro, chegamos até a cotar o desempenho dos personagens de animação. É engraçado. Entramos numa cafeteria como num bar de faroeste. Só falta a bota de cano largo. Pedimos duas doses de café com leite. Usamos uma voz grossa, distorcida, de Johnny Cash. Largamos nossos bonés na mesa, virados para cima, para mostrar a intenção de paz. Fixamos os olhos um no outro, já entendendo que o homem dá a mão quando se deixa olhar.

Somos adultos no amor. É preciso muita infância para ser adulto no amor. Apesar da cumplicidade, ainda desvalorizo seu raciocínio e omito as passagens que considero intrigantes. Ele sempre me devolve. O filme era *Planeta 51*, em que um astronauta pousa numa Terra povoada por alienígenas simpáticos, com duas anteninhas na cabeça. O detalhe: o humano é, na verdade, o alienígena, o invasor de uma pacata cidade de carros voadores. Seus traços diferentes assustam aos mais ardentes adoradores de ficção científica daquela galáxia.

– Pai, quando o alienígena vê o astronauta nu diz que ele tem a antena em outro lugar.

O susto não foi sua frase, e sim a gargalhada. Sua risada indica a experiência no assunto. Presumi que o trecho tinha passado em branco. Foi rápido demais, como pescou? Ele me deixou preocupado. No fundo, não é que meu menino seja precoce, eu é que sou lento. Na maioria das vezes, os pais fingem que o sexo tem a mesma representação proibida e secreta de sua criação e mantêm um boicote de palavras. Antigamente discordar era desobedecer. Hoje discordar é respeitar. Há a queda da autoridade paterna e materna de antes, não dá para afirmar que é assim e terminar o papo e não se discute mais. Muito menos mandar a criança para o quarto. Não há como

educar por ordens. O que existe é orientar e apresentar uma argumentação realmente eficiente. Sentar e detalhar, com paciência e disponibilidade, se possível com Power Point.

O filho não desistirá com contos de fadas. Ele quer o conto de fadas e a realidade para comparar.

Após bobear por um lapso de cinco minutos, confessei que era a minha piada favorita. Levantei a xícara, concluindo que não tínhamos mais nada para tirar do episódio. Meu filho sabe o que é sexo e como se faz, tudo bem, não ficarei com inveja dele, mesmo tendo descoberto que as cegonhas não entregavam os bebês somente aos nove anos. Mas ele retomou a sequência: – O estranho é que se o alienígena repara que a antena do humano é na cintura, onde é o pinto do alienígena?

Pior é que eu não tinha alcançado esse desdobramento. Vou assistir de novo ao filme.





## O SACRIFÍCIO FILIAL

Meus pais se separaram quando eu tinha sete anos. A saudade apertava. Tanta saudade que conversava com as roupas do pai. Criava diálogos imaginários com seus bonés, com suas gravatas, com suas camisas listradas. Eu me trancava no armário, dormia entre seus casacos, o desespero brinca com qualquer lembrança, eu entendia que dormir ali significava subir de novo em seu colo.

Mas minha mãe não me contou que o casamento dos dois acabara. Ficou no ar. E não perguntava para evitar o choro. A dor nos proíbe de falar certos assuntos.

O que ouvi é que o pai simplesmente viajou. Havia a expectativa de que ele pudesse voltar a qualquer momento. A qualquer hora. Como uma loucura que se cansa. Como um trabalho que se termina. Até hoje olho a porta por hábito, minha esperança não é de um homem, mas de um cão. Farejo as frestas e vou latir para a campainha.

Eu protegia minha mãe porque jurava que ela tinha sido enganada pelo destino. Que a vida não tinha sido justa. Que o pai nos esqueceu. A espera se transformou em resignação e migrou para uma raiva silenciosa.

Não calculo bem se me tornei um menino obediente por mim ou por ela. Não ansiava atrapalhar, somente isso, e talvez tenha me anulado. Fui mais fixo e previsível do que uma mesa de jantar. Odiei meu pai durante anos para ser fiel à mãe. Depois odiei minha mãe para conseguir me reconciliar com o meu pai.

Nunca escapei daquilo que não foi dito. Careci de alguém que nomeasse exatamente o que aconteceu. Uma frase me contentaria:

– Eu e seu pai nos separamos e vamos continuar criando vocês em casas diferentes.

O subentendido me apavora, tremo diante de silêncios longos.

Não pretendo levar, portanto, minha filha a me repetir e decorar meus problemas com flores.

Ela ama sua mãe. Reclama, lamenta a ausência de compreensão, mas nunca irá morar comigo. Por mais que insista, acredita que me viro sozinho. Ama com veemência, com determinação, pode dedicar toda sua vida para provar que sua mãe não está errada. Não duvido que consiga.

É o sacrifício de Isaac sendo reencenado ano a ano, família a família.

Eu admiro minha adolescente, admiro os filhos que desculpam sua mãe tentando ser iguais a ela. É uma renúncia espartana, uma oferenda secreta. Não é fácil, não é pouco. De repente, escolhem uma carreira, casam, tomam uma atitude que não aceitariam por desejo próprio, somente para abençoar um exemplo. É um agrado involuntário. Para ficar do lado delas. Para defendê-las da verdade.

Apagam suas vocações, suas biografias, suas aspirações para concordar com a educação que receberam, mesmo sabendo que poderia ser diferente. As explicações para o abandono de sonhos serão idênticas às alegações maternas. Para dizer que sua mãe não estava enganada, vão largar o balé, o futebol, o cinema, a música, a literatura. Oferecem um amor sem limites e, conseqüentemente, sem personalidade.

Amargam um dilema: ou discordam com o enfrentamento (e uma grande dose de traumas) ou apoiam tentando conservar aquilo que foi ensinado. Serão elogiados quando concordam no ato, incentivados quando obedecem. Não questionam a versão oficial, confiam em absoluto nas descrições do berço. É fácil descobrir quando isso acontece: as histórias são mais sentimentos do que fatos, mais suspeitas e impressões do que lembranças.

Há mães que não entendem que os filhos não são iguais, nem devem. Não cortam o cordão umbilical. Não alcançam à ideia de que a felicidade é pessoal. Aquilo que pode me deixar eufórico, por exemplo, é capaz de deprimir o outro. Pensam assim: “tudo que foi bom para mim será bom para o meu filho”. Não respeitam diferenças de idade, carências, temperamentos diversos. Anulam a época, as mudanças de costumes, as conexões da linguagem.

Se a mãe estudava seis horas por dia, o filho também terá que seguir a mesma receita. Se ela namorou tarde, não custa o filho esperar mais tempo. Se trabalhou cedo, permanecer no quarto é vadiagem. Se a moda é secundária, o filho não depende de nenhum luxo, usará somente o básico. Se ela dorme antes da meia-noite, nada de luz acesa de madrugada. Se não gosta de música, som alto é barulho. Se não viveu com pai, o filho tampouco necessita.

É óbvio que a casa explodirá em brigas, censuras e castigos. Não existe modo de convencer a criança a fazer do nosso jeito. Porque a ditadura vem da falta de escolha, uma simples mudança de costume surgirá como uma birra, uma afronta inaceitável.

Essas mães, como a minha, como a sua, como a de qualquer um não fazem por mal, ainda não descobriram que podem mudar o passado e repetem suas mães para provar que elas também não estavam erradas. É um efeito dominó, longe de um fim.

Por mais alguns anos, suportarei a distância de minha filha. Mas não quero sua dependência para me sentir importante, quero sua independência para que ela seja importante.





## VICENTE E MARIANA

Meus filhos não são impossíveis, eles me tornam possível.

Há segredos de Mariana que Vicente sabe, há segredos do Vicente que Mariana sabe. Não sei de nenhum dos segredos e não sinto falta. Eles se bastam.

Sou pai e meu trabalho é fazer com que eles se defendam de mim, inclusive de minha paixão por eles, que não é pouco.

Mariana tem 16 anos e fica uma criança ao lado do caçula. O caçula tem oito anos e fica um adolescente ao lado de sua mana. Trocam as fases com facilidade. Eles me enganam com suas frases espirituosas.

A árvore tem frutos para poder voar. Temos idades diferentes para não morrer.

Mariana decidiu pintar o cabelo de vermelho. Vulcânico. Vicente decidiu que seu cabelo irá crescer. Vendaval. Uma atitude é ligada à outra. Complicado definir quem segue o exemplo de quem.

Mariana toca violão, Vicente é que dirige seus videoclipes. Quando estão juntos nas férias, atravessam a noite conversando. Eu finjo que estou dormindo. Não vou atrapalhar se não há escola. Estou errado, mas é um erro emocionado.

Vicente me explicou como fazer para interromper a tristeza da Mariana. “Conversa sobre signos com ela, pai.” Ele decorou os horóscopos para dar colo às suas dores.

Mariana me explicou como distrair o choro do Vicente. “Fale sobre as raças de cachorros, pai.” Mariana estudou a fundo os pedigrees para passear com a angústia do menino.

Ambos me chamam de “Pánceps”. Tento fazer barriga para honrar o apelido.

Eles guardam uma mãe em comum, apesar das mães diferentes: a amizade.

Fácil identificar quando os filhos se amam. No momento em que aprontam. A bagunça detém o mistério da cumplicidade.

Não se entregam, nunca se denunciam. Não importa a pressão. São leais no tropeço. Não consigo ficar brabo. Estou errado de novo. Deliciado com o improvisado, ouço um completar a história mais maluca do outro.

Num dia de palestra, eles ficaram com a avó. Meia-noite e recebo a ligação materna, incapaz de controlar a felicidade dos dois.

– Eles não me respeitam. O Vicente está com um abajur na cabeça fingindo que teve ideias geniais.

– O que, vó?

– Isso, ele falou que a eternidade não dorme.

– Depois a gente se fala, tá?

Meia-noite e meia e Vicente me liga.

– A gente só estava brincando.

– Precisam respeitar a avó?

– Tá, mas posso te contar....

Meia-noite e quarenta e Mariana me chama.

– Não foi bem assim.

– Mari, não força a barra. Cuida da avó que está velha.

– Tudo bem, mas não é justo. Posso te contar....

– Ok, mas desliga a cabeça do Vicente, por favor!

Repetiram exatamente a mesma versão. Igual até nos engasgos. Não sou bobo, aquilo que é ensaiado é mentira. Mas eles não escondem a verdade, protegem e cuidam da verdade melhor do que eu. Um dia vão me devolver.

## COVEIRO DE CASTELOS

A ingenuidade está enterrada na praia.

Eu cavava um túnel com meu filhote em Xangri-lá (RS), empregando as próprias mãos e uma pazinha de plástico amarela que dobrava com movimentos mais duros. Orava para que não quebrasse, era a única de um modesto mobiliário com balde e peneira.

A terra untava as unhas. Suava protetor solar trinta. Curtia a dignidade paterna de ficar de quatro – que só a praia oferece a um homem de família.

Demoramos quarenta minutos para encontrar a água negra e deixar a superfície fofa.

O buraco tinha a extensão de minha perna fazendo pilates. Não era um spacato, mas chegava perto. Tudo corria bem até que apareceu o vizinho de guarda-sol.

Em cinco minutos e seis levantadas de terra, abriu uma catacumba do tamanho do meu corpo. Um Oceano Pacífico diante do meu açude.

Meu filho observou a sequência com desencanto. Quando olhou para mim, eu mudei de assunto com a esquisita vontade de entrar no mar. Queria levá-lo longe dali.

É jogo sujo. Já podemos treinar golfe na praia com tantos buracos. Trocar o frescobol pelos tacos de ferro. Os pais vêm empresariando os castelos de areia. Carregam pá de chácara para a orla. Os pés-de-pato são agora galochas. Um pouco mais e chegam com picareta e carrinho de construção. Não duvido que alguém encoste um trator para arrendar o terreno e satisfazer a pressa do seu pequeno. Não foram as ondas que destruíram as esculturas espontâneas e graciosas – é a nossa ambição.

Um fiscaliza o buraco do outro e compara a sua profundidade.

A prospecção revela uma preguiça perigosa. Um fundo falso. Os pais não mais brincam e se sujam. Não buscam sacrificar tempo no mar. É a lei do

menor esforço. O intrigante é que não querem perder tempo justo durante as férias e folgas do final de semana.

Em vez de aceitar a fábula do mundo infantil, o faz-de-conta, decidiram impregnar a infância das facilidades da vida corrida. Reinos encantados são substituídos por empreendimentos imobiliários.

A história de poço, ponte e janelas na torre é cada vez mais rara. Nem nas dunas do litoral existe mais a ideia de cidade pequena e provinciana. Crianças agem como corretoras e especuladoras na larga extensão da espuma.

No próximo verão, enxergarei placas de “aluga-se” nos telhados das casinhas imaginárias. Venderemos os castelos de areia.

## PEQUENO GOLEIRO

Eu prometi para o meu filho levar os colegas do futebol ao cinema. Disse por dizer, mais educação do que esperança. Qual a minha surpresa quando Vicente tocou em meus ombros na semana seguinte: – Amanhã é o filme!

Tudo bem; coloquei o cocar da indiada. Pensei que seria um colega, foram cinco, que estavam à espera após o jogo no ginásio. Suados, felizes, gritalhões. Logo olhei a carteira para conferir se tinha dinheiro suficiente – o pacote agora incluía pipoca, refrigerante e ingressos quintuplicados.

Atravessar a rua com a turma representou tremor de ponte pênsil, sempre havia alguém distraído da faixa de segurança, flertando com o perigo. Andava aos trancos de polvo, com os braços levantados, não entendia como os avós vigiavam, ao mesmo tempo, dez filhos. Naquela época, sair de casa correspondia a montar um comício.

Quando entrei no *shopping*, suspirei, fiz a contagem mental do time e segui adiante. Rezava para terminar a tarefa, tirar os sapatos e segurar o controle remoto em paz. Mas André, ruivo e sardento, no alto de seus 11 anos, travou no início da escada rolante. Enguiçou de verdade, mergulhou num transe de pavor. Busquei segurar sua mão e ele ganhou de imediato o peso de um Rei Momo. Não se mexia, seus dedos estavam gelados, escorregadios. Formava-se uma fila ansiosa atrás da gente e o guri vidrado no corrimão de borracha, nos degraus se abrindo e fechando. Será que ele tomava remédio? Enfrentava crise séria na família? Possuía uma fobia de lojas? Não conhecia bulhufas do temperamento, só que jogava no gol. Quem é goleiro deve ter algum problema, não é muito certo servir voluntariamente de saco de pancadas.

– O que foi?

– O que é isso aqui?

Raciocinei que perdeu a memória, ainda precisava fiscalizar os outros angustiados com o nosso atraso.

- O quê? É uma escada rolante. Não vê?
- Eu nunca vi.
- Quê?
- Nunca visitou um *shopping*?
- Não. Ela se mexe, como posso colocar o pé?

Aquilo me pegou de jeito. Achava um absurdo um menino de cidade grande não conhecer uma escada rolante. Mudei o comportamento e o analisava com avidez de colecionador, uma espécie rara, rural. Um bicho estranho e assustado, com cinco olhos, três orelhas, duas bocas.

A turma começou a rir de sua inexperiência de vida, não consegui defendê-lo, imerso em igual pasmo. Depois veio uma compaixão pelos pais desnaturados, que o deixavam à margem do mundo. Tomei o pequeno no colo e o carreguei para cima.

Era tarde para interromper a gozação, alvo de dedos apontados, gargalhadas e apelidos. Foi quando André confessou: - Eu já beijei uma menina na boca.

E todos esqueceram a escada rolante para descobrir mais detalhes.

## AÍ TEM COISA

Minha obsessão é pelos calções esportivos com um pequeno bolso interno. Um esconderijo de simbólicas quantias.

Eu praticamente só jogo futebol de bobeira com meus filhos, Mariana e Vicente. Recuso participar de campeonatos da firma, qualquer um pode sacrificar a perna ou o braço no fim de semana com colegas de trabalho. O amador é desesperado; por um caneco de latão, entra numa dividida perigosa e cabeceia as chuteiras do zagueiro.

O que faço hoje é aquela bagunça de praça, nada que force o fôlego. Alguns chutes a gol, dois contra um, marcação das traves com pedras e chinelos, corridas cômicas, dribles na linha de fundo e faltas irreverentes — a maneira que ainda encontro para abraçar meus adolescentes.

Levo sempre cinquenta reais. Uma onça por garantia. Não é destinada a comprar lanchinho ou água, não vou subornar o juiz (desnecessária a presença dele em nossa pelada), nem é caixa dois para amolecer a defesa.

Uso a nota sem usá-la. Dependerei dela durante a partida como uma simpatia, um fundo moral, uma fitinha do Nosso Senhor do Bonfim. É a certeza de que não seremos incomodados.

A primeira vez aconteceu na praia, há dois anos, em Balneário Camboriú (SC).

Brincávamos na areia com nossas redes invisíveis entre cocos. Num banco de pedra, de frente ao mar, três adolescentes acompanhavam o nosso ziguezague engraçado. Debochavam da ruindade familiar. Não continham as gaitadas, já nos atrapalhava a exagerada torção dos seus corpos.

Foi o momento em que peguei a grana e desafiei o bando:

– Querem jogar? Valendo cinquenta reais! Topam? É barbada...

Os monstregos estavam na faixa dos 18 anos, cheios de energia, prepotentes em sua forma física.

Enfatizei o convite:

– Vamos pessoal, é um menino, um velho e uma jovem contra vocês, dinheiro fácil...

Eles se calaram, receosos.

– Não vão dizer que estão com medo da gente, que são covardes? Cinquentinha, hein?

Desconfiaram da mutreta sigilosa: Vicente escondia o jogo, Mariana deveria ser a sucessora natural de Marta na seleção e eu, um ex-jogador disfarçado de tiozinho.

Compreenderam que não iríamos provocar à toa. Já nos enquadravam como jogadores de sinuca que começam perdendo e, na última hora, aposta feita na caçapa, acertam todas as jogadas de surpresa.

O golpe funciona que é uma maravilha – e nos dá a privacidade de um treino fechado.

## DAR A SOMBRA

Pouco se fala da depressão pós-parto masculina.

Existe um medo de tocar no assunto. Como se fosse folclore e exagero. Mas é grave e desconfio que atinja 30% dos casados.

Todos temos um amigo que pulou fora de uma relação no momento em que virou pai. Antes de supor que é safadeza, talvez seja necessário reconhecer que é uma tendência perigosa.

Muitos pais não suportam o nascimento de seu filho. Muitos pais terminam o casamento quando o bebê ainda nem completou um ano.

Não é desamor, porém receio de não corresponder às exigências e frustrar os planos de família perfeita.

O homem se enxerga preterido pela sua mulher, substituído pela criança.

Alguns dos sintomas mais comuns são tristeza, desvalia, culpa, distúrbio de alimentação e de sono, irritabilidade, sensação de incompetência, anedonia e isolamento social.

É um mal silencioso, já que teoricamente ele não pariu seu filho. Mas o fato de não contar com uma gestação no corpo faz com que a mudança de realidade seja ainda mais abrupta e violenta. Ele não se preparou para ser coadjuvante.

Acostumado à exclusividade da atenção durante o namoro e casamento, não se encaixa no rearranjo de forças domésticas, onde é obrigado a largar o cetro emocional e assumir uma condição de penumbra e de apoio.

Agora ele ajuda, não provê. Agora ele colabora, não ordena. Agora ele participa, não decide. Agora ele observa, não age.

A mulher conserva o hábito ancestral de ouvir e atender pedidos, o homem não, quer falar acima de tudo. Na sua concepção, falar é ser. Infelizmente desconhece a zona privilegiada de admiração e de aprendizado pela escuta.

A mulher tem maturidade para desaparecer e voltar, o homem não. É altamente carente e não admite sumir por um tempo, não respeita períodos de exceção e de maior cansaço. Não aceita sequer a queda do rendimento sexual do casal.

O problema é que ele não cobra o desconforto, não expõe suas fraquezas e dúvidas, e sim procura imediatamente outro relacionamento, sem nenhum dos novos encargos e responsabilidades. A infidelidade é sua saída de emergência, por absoluta incapacidade comunicativa e vergonha dos sentimentos.

Não é mesmo uma tarefa fácil. Natural escolher a fuga da realidade a admitir ciúme do próprio filho.

O período esplendoroso de descobertas do primeiro ano do rebento costuma ser o apogeu das separações: logo quando o pequeno começa a sorrir, a balbuciar, a engatinhar, a reconhecer a mãe.

A Renascença de gestos e fotografias infantis é a Idade Média do macho.

Na mentalidade do marido ou namorado, ele permanece trabalhando loucamente, só que desprovido das recompensas afetivas. O mimo e a dedicação estão totalmente concentrados no berço. O sujeito chega em casa e não vai relaxar, não será mais recebido com alarde e festa. É apenas mais um dentro da residência, e deve entrar na escala de horários de cuidados ao bebê: dividir a ronda, trocar as fraldas e aquecer o leite.

A situação piora se o homem percebe sua esposa como uma segunda mãe. Apesar do aparente discernimento adulto, ele sofrerá aquela inveja aguda que assola um irmão com a vinda de mais um herdeiro.

Mulher tem depressão pós-parto após dar luz ao seu bebê, e o homem tem depressão pós-parto ao dar a sombra ao seu bebê.

## PASSA RÁPIDO

Vivo uma maratona de viagens, descanso numa cidade e acordo noutra. Como durmo pouco, minha namorada insistiu para que pelo menos aproveitasse o travesseiro e adquirisse abrigos e camisetas brancas. Dolorido gastar com o sono, sair com uma sacola do *shopping* para desaparecer, anônimo, entre os lençóis. Eu me via como um idiota, a quantia deveria ter sido direcionada a melhorar o visual no trabalho.

O homem tem pavor do acessório. Não costuma inaugurar roupas na hora de deitar. Usa a que for mais folgada, e não pensa mais nisso. Da mesma forma, não se preocupa com cuecas e meias. Nunca repara na cama, nas colchas e edredons, a não ser no início do casamento. Não sei como nossa espécie não foi extinta até hoje. Depois que aceitamos o pijama, também não precisamos mais pagar ônibus – é que ficamos velhos. Aliás, macho não compra pijama, somente recebe de sua mãe ou de sua mulher.

Mas atendi a mudança de costumes e separei as peças para testar no hotel de Torres. Vencido o compromisso, de banho tomado, sossegado no quarto, abri a mala para colocar a calça. Ela não entrava. Estranhamente encolheu. Parecia grande, mas não o suficiente. Confundi o número na loja? Botei a perna esquerda e trancou mesmo. Observei que não era minha, mas de Vicente.

A possibilidade do engano é que me transtornava. Como meu filho amadureceu tanto a ponto de confundir minha calça com a dele? Cético, pasmo, estendi o abrigo na cama para comprovar sua altura, assim como meu pai conferia meu crescimento com a fita métrica – lembro que ria todo orgulhoso com o veredito. Às vezes, meu pai mentia o avanço (não podia crescer três centímetros todo dia), porém acreditava, não desconfiava das boas notícias.

Acaricieei cada linha do pano e imaginei o peso, o tamanho, a envergadura atual do meu Vicente. Não é que sou distraído, é que ele me surpreende sempre. Fui tocando em seu tempo, nos fios costurados de seu tempo, revendo suas gargalhadas na banheira azul, o espanto com o vaivém do balanço, as corridas vacilantes de cisne, o andar firme e decidido ao atravessar a rua, a concentração na primeira aula, o temperamento de virar a cabeça quando apanhado no colo, os cabelos compridos de roqueiro. Seus oito anos deslizaram pelos dedos. Transformei as mãos num ferro elétrico, desamassando os vincos, desfazendo as dobras. O rio subia os muros, avançava as marcas. Já havia uma enchente na minha respiração.

Ai, Vicente, você cresceu e nem me avisou.

## DISFARCES

Ser pai é também se contrariar.

Não posso sempre concordar comigo senão não educo.

Assim como a experiência me oferece humildade para os conselhos, pode me levar ao comodismo.

Meus filhos merecem que eu diga o que é correto fazer, não o que eu fiz.

O que vivo é rascunho, não é testamento.

O que vivo é o que consegui, não é um limite ou uma regra.

Devo superar meu temperamento, minhas opiniões, oferecer uma versão mais abrangente da realidade. Não que eu faça aquilo que digo, mas que aquilo que digo é o ideal a ser feito.

Pai dá exemplo das possibilidades, nunca da perfeição. Se ele não concluiu o ensino superior, não significa que não pedirá que o filho se forme numa graduação.

Desejar o melhor é ser necessário.

Mas há algumas ciladas. A mais grave tarefa paterna é disfarçar o contentamento por alguma arte do filho. Como uma vingança que não cabe ser nomeada.

Quando pequena, minha mãe foi o terror do internato João Batista Scalabrini de Guaporé (RS).

Tímida, calma, notas altas, monitora preferida das professoras, um dia explodiu seu bom comportamento, jogou tudo pelos ares da serra.

Quem diria? A Mariazinha de uniforme gomado, que apagava o quadro, que carregava o giz, que sempre respondia às perguntas que os outros não respondiam, aplicou um trote em toda a escola. Roubou a lista de classe com seus respectivos telefones da gaveta da secretaria e inventou uma reunião de avaliação emergencial, pois toda a turma corria o risco da reprovação.

O encontro foi marcado para 8h de sábado, no ginásio. Para cada colega, arrumava um motivo de preocupação: conversas laterais, excesso de atraso, sono em demasia, falta de atenção.

Telefonou para vinte e cinco residências durante duas horas.

Todo povo compareceu, gerando constrangimento entre professores e diretores, retirados do seu descanso para entender a mobilização extraordinária naquele fim de semana.

Como os únicos pais que não vieram eram os de minha mãe, ela acabou sendo desmascarada. Um pequeno lapso que custou sua reputação.

Mariazinha ficou de castigo, a um passo de ser expulsa, entrou no livro negro do colégio, sofreu hostilizações dos adultos na praça e na igreja.

Quando meu avô esquerdistas e carbonário descobriu o que ela aprontou e o tamanho do estrago, passou o maior sufoco. Queria se manter firme no sermão, mas ria em segredo da molecagem (afinal, o quadro docente das irmãs carmelitas era realmente chato e careta e merecia uma lição).

Ele pretendia impor a conduta, mas se orgulhava da criatividade da travessura.

Ele se via nela, mas não podia se entregar.

Gritava meio rindo. Ordenava meio desabafando. Xingava meio que aplaudindo.

Suas palavras tinham a obrigação de reprimir, apesar do charme da empatia.

Pai é um espelho que busca ser janela. Êta missão complicada.

## RESPEITO OU INDIFERENÇA?

Quando o filho é adolescente, podemos errar a medida de nossa atenção. Ou ser chatos demais ou mergulhar na indiferença.

Eu jurava que estava respeitando meu filho. Deixava fazer suas coisas, enfronhar-se em seus jogos de computador, ter sua rotina de sonâmbulo pela casa.

Às vezes, conversava amenidades de futebol; às vezes, conferia se precisava de algo, mas sem nenhuma ênfase.

Ele se trancava no quarto ou permanecia horas em silêncio. Considerava seus hábitos naturais. Não questionava suas atitudes, não debitava a irritação e a grosseria eventuais na lista negra do isolamento.

Eu me enxergava um pai descolado, moderno, compreensível.

Jantávamos olhando para os pratos, os abraços eram vesgos, perdoava o distanciamento, seguíamos a vida como se ela fosse automática.

Até que minha mulher me falou algo no ouvido que me tocou:

– Ele deixou de conviver, ele somente vem passando pela gente.

Aquilo me apertou o peito. E se ele estivesse precisando de minha ajuda? E se ele esperava o dia inteiro que puxasse assunto mais sério? Será que não deveria ter renunciado minha educação e meu trabalho e minhas urgências que no fundo nunca são urgentes?

Chamei meu adolescente para um papo a sós. Ele estranhou, porém aceitou.

Fazia tempo que não sentávamos frente a frente, na mesma altura das sobrelhas.

Contei que procurava entender seu espaço e não incomodá-lo, mas que no fundo não aguentava de saudade. Era como se ele estivesse morando

longe e fazendo intercâmbio.

Ele começou a respirar lento para não chorar.

Descobri que meu filho achava que não dava mais bola para ele, que se sentia abandonado, que sempre me ocupava com outras prioridades.

Sofreu calado nos últimos cinco meses.

Ele estava sem amigos na escola, com dificuldades de pedir licença, já murmurava no lugar de falar. Já aparecia todo maniático, criava toques e exigências (como fechar a janela do banheiro ou lavar de novo os talheres antes de usar) por viver demais em sua solidão.

Confundi respeito com desinteresse.

Mirei sua boca miúda, seus olhos aguados, sua tosse emocionada, e me despertou um desejo de pedir desculpa para os dois: para mim e para ele.

Como pai, tinha que intervir. Mesmo que erre a medida e seja chato.





## PÃOZINHO DE QUEIJO

Eu jamais dou mordidas no pão de queijo.

Nunca levo o pão de queijo direto para a boca, como costuma acontecer com a maioria dos fiéis da receita de Minas Gerais.

Meu hábito é tirar nacos com os dedos e comer um pouquinho de cada vez.

Eu vou abrindo o pão de queijo em pedaços e levando aos lábios devagar.

Aprecio dividir o calor do polvilho, enxergar o coração branco pulsar na pele e mastigar com calma.

Parece que rende mais. Parece que tenho mais disponibilidade e que não sou vítima da pressa.

Transformo um pãozinho em mesa das mãos.

A mania não é de agora. Vem de uma lembrança. Vem de um tempo paterno, sem garfos e facas. Vem de um tempo cheirando a balões de gás, picolés e pipoca doce.

Eu incorporei o costume das idas à praça, quando levava meus filhos para passear e oferecíamos comida às pombas.

Despedaço o pão como quem irá jogar farelos para as aves.

Já passaram dez anos desde a última vez que fiz esse gesto, só que o gesto continua em meu sangue.

Não há balanços, gangorras, escorregador, minhas crianças cresceram, e prossigo cortando o pão com as unhas como se fosse distribuir ao solo.

Como se fosse ainda reunir uma porção de bicos próximos aos meus sapatos.

Como se fosse atender a fome do céu e a necessidade de chão de meus pequenos.

Permaneço reproduzindo aquele ato de singela paciência, aquele ato de despojada generosidade.

Não tem jeito de alterar a conduta, estou livre de qualquer ânsia, predomina em mim um cuidado de piquenique, o lento ritual das antigas manhãs ensolaradas.

Não é mais somente um pãozinho de queijo, mas meus filhos, os brinquedos, a migração da infância habitando seu recheio.

Ao dividir o miolo, sempre serei uma família e o centro de um parque. Eu me divido para meu passado. Presto homenagem para minha memória.

Ou talvez, envelhecendo, esteja realmente virando um passarinho. Um passarinho de minhas crianças. Um passarinho barbudo, de olhos imensos e pernas finas.

E arremesso as migalhas para mim. E alimento sem querer o voo da paternidade.

## **Fabrício Carpinejar**

Fabrício Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS), onde mora com a mulher Katy e os filhos Vicente e Mariana. Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 26 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista das revistas *Isto É Gente* e *Pais & Filhos*, jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

## **Ana Pez**

Nasceu em 1987 em Madri (Espanha), onde vive. Estudou História e ilustração. Começou na profissão dando cursos de desenho e participando de diferentes tipos de projetos, como capas de discos, páginas web, material para teatro. Em 2013 passa a ilustrar para o mundo editorial, colaborando com editoras como a Edelvives (Espanha) e Nobrow (Inglaterra).

Ilustrações: Ana Pez

Projeto gráfico: Victória Piffero Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C298s

Carpinejar, Fabrício, 1972-Segredos de um violino / Fabrício Carpinejar ;  
ilustrações Ana Pez. - 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.

(Pedaços de vida ; 3)

ISBN 978-85-5590-024-2

1. Crônica brasileira. I. Pez, Ana. II. Título. III. Série.

14-11783

CDD-869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

---

**2016**

**Edelbra**

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.